

# DESVIOS

## Estratégias para movimentos sociais

*"Com eles, não pode bater de frente, mas ainda pode lutar."*

*- Allan Basílio, Santa Marta, Rio de Janeiro*

*"Não lutamos desde as trincheiras militares, mas desde as trincheiras cidadãos."*

*- Hernando Roldán, Moravia, Medellín*

Nas condições que descrevo, onde a violência parece ser a única mediadora entre os jovens e o reconhecimento que tanto desejam e merecem, quais caminhos pode caminhar a sociedade civil para reduzir a violência nas comunidades periféricas? Aqui, quero pensar uma confluência de idéias que emergem entre atores comunitários em duas das cidades mais violentas do mundo, Rio de Janeiro e Medellín, Colômbia. Nos dois casos, o sucesso na prevenção da violência precisa de um desvio, uma decisão de não enfrentar a violência diretamente, mas dos lados, subvertendo as suas bases em vez de fazer combate.

Allan Basílio, um jovem intelectual e líder comunitário na favela de Santa Marta, Rio de Janeiro, oferece o seguinte argumento num vídeo que ele e Glauber Martins fizeram comigo sobre o seu trabalho. Têm muitos programas, tanto de ONGs como de OGs, que pretendem combater a violência e a criminalidade na favela – especialmente em Santa Marta, sede por um tempo do temido Comando Vermelho – mas tiveram muito pouco sucesso. Os atores armados reconhecem que estos programas atuam em contra dos seus interesses, porque os seus diretores e patrocinadores falam claramente dos seus motivos. Percebendo que projetos "contra violência"

são realmente contra elas, as gangues fazem todo o que podem para destruir projetos que trabalham diretamente contra a violência. Estes grupos violentos têm raízes fortes na favela, manipulam redes de dependência e clientela, e têm grande força das armas, assim que os projetos "contra a violência" quase sempre vão perder.

Mas embora "não pode bater de frente", a sociedade civil ainda pode lutar contra as gangues, se faz a luta de maneira mais estratégica. No seu vídeo, Basílio e Martins explicam os desvio que eles acharam para poder vencer os violentos sem enfrentamentos diretos. Todas as pessoas que foram criadas no bairro conhecem bem os traficantes, porque brincaram com eles de criança, assistiram o colégio juntos, e encontram com eles na rua cada dia. E os traficantes falam abertamente que sabem que o seu caminho não é o correto, e seria melhor não fazer assim: a lema do Comando Vermelho – "o lado certo da vida errada" – surge da experiência cotidiana de cada traficante. Para Basílio e Martins, a mais forte expressão de esta atitude em frente da sua própria vida é que os traficantes não querem que os seus filhos querem ser traficantes: na realidade, entraram ao tráfico para dar uma vida melhor para as suas famílias, não para criar um "negócio familiar". Por isso, o trabalho com a infância é fundamental, porque é um espaço onde a comunidade e os traficantes concordam plenamente.

No Rio de Janeiro, uma criança entra cedo ao tráfico, muitas vezes fazendo tarefas pequenas para os traficantes quando a criança tem entre 8 e 12 anos.<sup>1</sup> As crianças querem respeito, dinheiro, e poder e associam-se com os traficantes porque a gangue ostenta estes bens. A gangue tem tanta força de atração porque é o único poder na favela que tem o que muitas crianças e adolescentes querem... mas se outro ator no bairro oferece outras alternativas, as crianças vão acatar e aproveitar. E se as crianças têm alternativas, não têm que entrar no tráfico, e os soldados e vendedores que o tráfico precisa, já não são disponíveis. Bases de educação, esporte, ou arte para crianças subverte a base de apoio do tráfico. Aliás, nas palavras de Basílio e Martins, os

traficantes também "querem alternativas para seus filhos" – e para outras crianças – assim que eles apoiam a construção de projetos novos, os projetos que acabarão com seu próprio poder. É um exemplo poderoso da estratégia da revolução proposta por Lenin: "vamos vender aos capitalistas a corda com a qual eles se enforçarão."

Nos últimos cinco anos, em parte por este trabalho do fortalecimento de bases de apoio para crianças – e em parte pela mudança na estrutura do tráfico – Santa Marta já não é a capital da violência. O tráfico ainda existe, mas sem a força, poder, ou violência que tinha, e agora os jovens falam que a comunidade é tão legal que jamais querem morar noutro bairro.

Em Medellín, o vocabulário é diferente, mas a idéia é parecida. Depois da morte de Pablo Escobar, o homem que tinha organizado o tráfico na Colômbia, a sua organização caiu no caos. Os sicários venderam os seus serviços de assassino por aluguel a qualquer pessoa, as galeras violentas lutaram para defender os seu próprio território ou para conquistar novo território, e o crime subiu a níveis inacreditáveis. As milícias populares responderam à crise fazendo um exército mais forte que as gangues para as vencer, matando muitas galeras e incorporando outras dentro da sua estrutura, dentro de um processo tão sangüinária que o povo ainda tem medo falando dessa época. Pouco tempo depois, a milícia também tornou-se corrupto, vendendo drogas e seguindo na chacina depois da desapareição das galeras pequenas.

Dentro da lógica que sempre reinou em Medellín, outro grupo armado tinha que aparecer para impor a ordem, mas na favela de Moravia, algo novo aconteceu. Trás uma negociação com a milícia, um grupo de jovens formou o Centro de Mediação de Conflitos e a milícia, já cansada de resolver cada briga na comunidade, concordou com a proposta de mandar cada conflito ao Centro. Na época, algumas pessoas na comunidade acharam que os mediadores eram milicianos, porque a milícia mandou os problemas para o Centro de Mediação, mas realmente, era esta

---

<sup>1</sup> Dowdney, Luke. *Crianças do Tráfico*. Rio: ISER, 2002

iniciativa que acabou com a lógica armada no bairro. [Mediação Ontológica]

Igual como em Santa Marta, os que queriam fazer a paz acharam terra comum com o ator armado. No caso de Santa Marta, podiam concordar sobre a necessidade de alternativas de vida para crianças, mas em Moravia, o interesse comum era mais complicado. Primeiro, tinha a questão pragmática: o Centro queria mediar conflitos, e a milícia já estava com saco cheio de ter que resolver cada problema entre vizinhos. Mas a segunda questão era mais importante ainda: a milícia falava muito de querer o bem da comunidade. Muitas pessoas acharam que este discurso era puramente hipócrita e cínica, mas os jovens do Centro de Mediação reconheceram que muitos milicianos usaram as palavras sinceramente – e que o discurso da comunidade era central na construção da legitimidade da milícia para os moradores –. Fazer bem para a comunidade resultou ser um interesse comum entre a milícia e o Centro, um lugar para começar a conversa.

Noutro lugar, analisei o processo da construção de paz em Moravia em mais detalhe,<sup>2</sup> mas aqui quero enfatizar na decisão estratégica do Centro: em vez de lutar diretamente contra a milícia, resolveu subverter a sua base ideológica. Quando as pessoas iam para a milícia para pedir uma resolução de um conflito, reconheceram e fortaleceram a autoridade e legitimidade da milícia, mas quando foram para o Centro, esse monopólio sobre o poder desarmou-se. E quando as pessoas – e os milicianos – aprenderam que um grupo pacífico poderia fazer melhor para a comunidade que o grupo armado, a milícia perdeu o seu motivo de ser. Dentro de poucos meses, a milícia entrou em negociações com o Estado, trocou suas armas por promessas de um novo colégio em Moravia, e abandonou a luta armada.

Nos dois casos, a sociedade civil aprendeu que o caminho mais rápido entre a guerra e a paz não é uma linha reta. Para ganhar a luta contra a violência, tinham que seguir um desvio longo.

François Jullien, no seu tratado sobre os processos da construção de verdade e significado no Ocidente e na China, escreve sobre a mesma estratégia de luta que deu tanto sucesso para Moravia e Santa Marta. Na escritura do famoso Sun Tsu, encontramos os seguintes conselhos:

"Ganhar cem vitórias em cem batalhas não é um fim em si; porém, subjugar o inimigo sem entrar em combate é o apoteose da excelência."

"O melhor general é aquele cujos méritos uma pessoa nem sonha elogiar, porque a sua vitória é contro um inimigo já derrotado."<sup>3</sup>

Na guerra, podemos ver a diferença entre o falanx grego, que enfrenta o seu rival cara a cara no campo de batalha – sempre um lugar "aberto" e "honesto" onde o melhor exército ganhará, segundo o pensamento grego – e a esperteza da estratégia chinesa – sempre atacando as linhas de armazem, divulgando fofoca, e atacando com surpresa –.<sup>4</sup> A sociedade civil quase sempre será mais fraca nas armas – e muitas vezes, na legitimidade – que o ator armado, assim que temos que pensar em como podemos ser mais estratégica na luta contra a violência. Mas a lição de Medellín vai além do pensamento chinesa. Usar o desvio para conquistar a vitória não é a única questão; mais importante ainda é que o ganhador de uma guerra direta tornará-se corrupto igual como o seu antigo inimigo. Tanto a milícia como a guerrilha e os paramilitares seguiram o mesmo caminho ao tráfico e tirania.

A estratégia descrita por Allan Basílio em Santa Marta é claramente uma guerra de desvios: em vez de bater de frente, a sociedade civil foi até a base da força da gangue: as crianças que iam ser os soldados e traficantes. Acharam o ponto fraco no poder da gangue – o fato que eles não queriam que os seus filhos fossem traficantes – e abriram um novo campo de batalha, num espaço onde eles sabiam que iam ganhar.

---

<sup>2</sup> “Mediação Ontológica” nos Artigos para Entender a Rua de [www.shinealight.org](http://www.shinealight.org)

<sup>3</sup> Sun Tsu. *Sunzi bingfa*. Em Jullien, François, *Detour and Access: Strategies of Meaning in China and Greece*. trans. Sophia Hawkes. NY: Zone Books, 2000, p. 35]

<sup>4</sup> No Ocidente, esta oposição é mais clara na filosofia de Gramsci: a guerra de posição vs. a guerra de enfrentamento.

Em Medellín, precisamos de outro passo para entender a vitória por desvio do Centro de Mediação de Conflitos. A milícia tinha um discurso que valorizava à comunidade, e achava que a sua prática de limpeza social era a melhor maneira de melhorar o bairro. Nessa época, tinham pessoas que foram para a milícia e disseram para eles que a guerra não era o melhor caminho à paz, mas ninguém acreditou; o conflito não era bastante maduro. Em vez de convencer a milícia *falando* a verdade, o Centro de Mediação tinha que *mostrar* a verdade,<sup>5</sup> desenrolando-la devagar, para que a milícia pudesse aprender a verdade por si mesma.

Jullien interpreta um poema pelo famoso poeta chinesa Du Fu para mostrar este processo:

Na curva do riacho – o vento nos pinos estica longe,  
Ratas fogem – baixo azulejos velhos,  
Não sei qual rei é dono deste templo.<sup>6</sup>

O poeta começa com uma série de imagens que têm associações para todo mundo: o som tranqüilo d'água correndo e vento soprando nas árvores, o caminho de pés lentos na mata. É uma imagem de paz. Animais pequenos somem nos arbustos... mas a rata só torna-se símbolo de corrupção com a presença de sinais de habitação humana: os azulejos quebrados. Quando vem a última frase, questionando quem é dono do templo, o leitor já tem uma visão de paz e tranqüilidade que decaí, da trágica perda do belo; é um tipo de co-conspirator na construção do significado do poema, porque o poeta *não disse todo*. Do mesmo jeito, quando um pintor chinês tem que pintar um mostário nas montanhas, pinta um monge carregando água do rio, porque todo mundo sabe que onde tem monge, terá mosteiro.<sup>7</sup>

"O valor do desvio é a sua capacidade de *desdobrar*. Com a sucessão de frases... gradativamente *abre* a realidade; e esta concatenação contínua permite-nos – no processo de acompanhamento – de entregá-nos a ela: não agarrar todo ao mesmo tempo, como pretende a expressão direta, mas

---

<sup>5</sup> Veja os comentários de Jullien sobre Confucio, 238. Também interessante neste contexto é a diferenciação que faz Ludwig Wittgenstein entre “mostrar” e “dizer”.

<sup>6</sup> Du Fu, "The Jade Flower Palace". Em Julien, p. 344

<sup>7</sup> Julien, p. 349

por receber a sua tinta."<sup>8</sup>

Imaginemos que o poeta quer mais que desdobrar o mundo do templo em ruínas. O seu poema também serve para criticar o rei, porque lembra que ele é o dono, ele que tem responsabilidade de manter os lugares sagrados, ele que os permite decair. O leitor é protagonista no processo de significação, assim que está prestando mais atenção e está escutando a lição. Mais importante ainda, já é co-conspirator na construção do significado do poema, estará muito mais disposto a escutar a mensagem do poeta, porque já encontra-se "no seu lado". Ainda o rei poderia escutar este reclamo.

Em Moravia, o Centro de Mediação de Conflitos era o poema. Não era possível falar diretamente para a milícia que o seu esforço não era a melhor coisa para todos, porque eles estavam convencidos que a sua política armada era o único caminho para fazer paz na comunidade. O Centro não perdeu tempo nos argumentos diretos: só pediu a colaboração da milícia com o desvio dos conflitos quotidianos para com eles. A milícia, igual como o leitor do poema, chegou pela sua própria conta a saber que a mediação serviu a comunidade mais que as armas, e por participar na construção deste conhecimento, sente-se protagonista no processo. É por isso que a milícia abandonou as armas com tanta velocidade: eram bons leitores de poemas.

---

<sup>8</sup> Julien, p. 345